

## ASSIMETRIA E SIMETRIA NA ENTREVISTA ORAL RADIOJORNALÍSTICA

**José Nildo Barbosa de Melo Junior<sup>1</sup>**  
Doutorando em Linguística – UFAL

### RESUMO

Este trabalho centra-se na análise das relações assimétricas e simétricas na entrevista radiojornalística alagoana, considerando o caráter dinâmico e colaborativo do texto falado. A metodologia é qualitativa (FLICK, 2009), privilegiando o processamento de informações, a descrição de dados, ênfase na qualidade, procedendo a análises descritivo-interpretativas. Os princípios metodológicos de Cestero Mancera (1994, 2000) também contribuem para investigar a entrevista como forma de interação social: 1) coleta dos dados; 2) transcrição minuciosa das gravações; 3) análise das transcrições; 4) apresentação dos resultados. O *corpus* do estudo é formado por entrevistas orais, de uma emissora de radiojornalismo local, do qual se retiraram fragmentos para as análises. Fundamentou-se no arcabouço teórico da Análise da Conversação e da Análise Crítica do Discurso, sustentado por Galembeck (1993), Kerbrat-Orecchioni (2006), Marcuschi (1991, 1995), Melo Junior (2016), Santos (1999), Fairclough (2016), entre outros. Os resultados apontam elementos que propiciam tipos de assimetria e simetria no discurso jornalístico.

**Palavras-chave:** Análise da Conversação. Análise Crítica do Discurso. Entrevista oral. Conversação assimétrica e simétrica. Radiojornalismo alagoano.

### Considerações iniciais

Este estudo, inserido nos pressupostos teóricos da Análise da Conversação e da Análise Crítica do Discurso, tem por finalidade analisar o discurso simétrico e assimétrico na entrevista de rádio alagoana, levando em conta que, no processo conversacional, os interactantes constroem o diálogo à medida que alternam seus papéis. As sequências de turnos caracterizam essa alternância de papéis e mostram que, num evento de fala, todos precisam engajar-se na consecução de um objetivo comum; tal revezamento indica a existência de tipos de assimetria e simetria.

A Análise da Conversação se dedica ao estudo das inter-relações entre os interactantes, as quais propiciam o surgimento de uma simetria ou assimetria entre os participantes do momento conversacional. As relações simétricas acontecem quando os dois têm o mesmo poder de interagir ou o mesmo poder da palavra; as assimétricas ocorrem

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: nildo.barbosa@ifal.edu.br

quando o poder de interagir está sobre um dos interactantes, isto é, quando um deles detém o poder da palavra.

Nesse sentido, essas relações, além de contribuírem para a manutenção da conversação, implicam/determinam o tipo de diálogo, de interação e de evento de fala; a disposição (fixa e não fixa) dos turnos de fala; as relações de poder e controle durante a interação verbal ou o evento de fala; a escolha do tópico; o tempo de participação e de permanência num turno e num tópico; as ações/marcas simétricas e assimétricas dos interactantes; além de outras implicações, posto que são estabelecidas por questões de ordem conversacional, mas também discursiva.

A conversação é uma atividade comunicativa que acontece num evento de fala, por meio da qual dois ou mais interactantes desenvolvem o processo conversacional, a partir das ideias construídas ao longo dos turnos de fala, dos interesses e objetivos traçados, do contexto em que eles estão inseridos. Esse fenômeno ou prática linguística pode ser observado sob vários ângulos teóricos e concebido por perspectivas científicas diversas, tanto do ponto de vista individual quanto social, conforme Silva (2005, p.32) que, assim, explica:

Há aqueles que o utilizam num sentido amplo, que recobre qualquer tipo de interação oral e, em geral, fazem distinção entre conversação informal (aquelas que são espontâneas, não planejadas) e conversação formal (aquelas que têm algum tipo de planejamento prévio, como entrevistas, debates, reuniões de trabalho, apresentações em congressos etc.). Há aqueles que utilizam conversação num sentido mais restrito, como sinônimo de conversação espontânea, que não tem qualquer planejamento prévio [...].

Na interação verbal, entre os elementos básicos que organizam estruturalmente as conversações, está o turno conversacional. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999, p.35), o turno refere-se à “[...] produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio”, isto é, diz respeito ao momento em que cada falante produz seu discurso, incluindo pequenos sinais de engajamento ou monitoramento (fáticos) ou, até mesmo, hesitações, gestos e olhares.

Dessa maneira, além das atividades de formulação – hesitações, paráfrases, repetições, inserções e correções – que estruturam e organizam segmentos do texto falado, tornando possível afirmar que essa modalidade é uma atividade interativa, coproduzida mutuamente pelos interactantes, o turno conversacional constitui um importante elemento no processo conversacional. Isso significa que a organização do texto conversacional segue princípios que não o enquadram em meio ao caótico, ao descoordenado ou ao aleatório. Esses princípios

elencados por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), a partir da distribuição de turnos, também caracterizam situações de simetria e assimetria no discurso.

Os sentidos vão-se construindo ao passo que conversam, esclarecem fatos, negociam suas diferenças, compreendem-se mutuamente e precisam interagir em torno de um objetivo comum, de um foco comum, estabelecendo, para tanto, referentes comuns na ou durante a conversação, seja espontânea, seja planejada temática ou linguisticamente. Afinal, para que a conversação seja bem-sucedida, é preciso respeitar um acordo prévio e possuir interesses comuns.

### **O discurso assimétrico e simétrico na entrevista de rádio alagoana**

A organização estrutural das conversações é regida por propriedades que coordenam o texto falado e enquadram-no como um texto articulado. Nesse contexto, o modelo de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), o qual diz respeito ao sistema de tomada e distribuição de turnos, remete à sucessão/alternância de turnos entre os participantes e ao espaço de tempo que cada um ocupa na atividade conversacional. A tomada de turnos traduz-se numa característica elementar para que a interação ocorra, e as propriedades gerais propostas por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), as quais regem a conversação ou contribuem para a continuidade ou descontinuidade da fala, são as seguintes, além de outras:

- A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.
- Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
- Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
- Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns.
- A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.
- O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.
- A extensão da conversa não é previamente especificada.
- A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.
- A fala pode ser contínua ou descontínua. (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, [1974] 2003, p.14-5).

Essas propriedades conversacionais, associadas a fatores de ordem social e discursiva – *status* social, autoridade preexistente, posição social, posto, conhecimento –, contribuem para definir as relações simétricas e assimétricas nos diálogos<sup>2</sup>. Desse modo, a troca de falantes, a continuidade ou descontinuidade da fala, as transições de um turno a outro sem intervalos e sem sobreposições<sup>3</sup>, a ordem e o tamanho variáveis dos turnos, as relações de

<sup>2</sup> O termo diálogo é utilizado, em sentido *lato sensu*, quando dois ou mais interactantes participam da interação.

<sup>3</sup> Quando o interactante (entrevistador) que controla o momento interativo seleciona quem vai falar e aloca o turno sem a sobreposição do outro.

poder, a disposição fixa e a não fixa dos turnos na conversação, entre outras questões, caracterizam o diálogo como relativamente simétrico e relativamente assimétrico (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999).

No discurso simétrico, ambos os interactantes possuem o mesmo direito não só de tomar a palavra, mas também de escolher o tópico discursivo – assunto estabelecido na conversação, o objeto do discurso acerca do que se fala –, direcioná-lo/alterá-lo, estabelecer o tempo de participação na atividade conversacional. No discurso assimétrico, o privilégio no uso da palavra é de apenas um, que conduz ou comanda o diálogo, iniciando, desenvolvendo, mudando o tópico e encerrando o diálogo (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999).

Segundo Galembeck (1993, 1996, 2005), a conversação simétrica ocorre quando ambos os participantes contribuem efetivamente para o desenvolvimento do tópico discursivo, possibilitando a continuidade tópica, isto é, o engajamento mútuo, por meio de uma sequência de turnos nucleares<sup>4</sup> justapostos, na qual discutem o tópico e expõem seus pontos de vista.

O exemplo 1 ilustra bem esse tipo de conversação, em que L1 apresenta o tópico sobre o qual ambos (L1 e L2) discorrerão, isto é, sobre questões relacionadas à vigilância sanitária, inclusive acerca do que se enquadra como tipos de medicamento, da fabricação e do uso desses tipos de medicamento (de marca, similares e genéricos). A disposição e o tamanho dos turnos, o tempo de permanência de L1 e L2 nos turnos, o caráter referencial e informativo da fala de L1 e L2 e a extensão da conversa servem para definir essa interação como relativamente simétrica, sob a perspectiva conversacional.

L1 gente olha... a partir de agora a gente vai conversar com o PB que é diretor estadual da vigilância sanitária... nós vamos abordar diversos assuntos obviamente ligados à vigilância sanitária... mas... vamos nos ater também a um assunto que... que é de interesse de toda a sociedade... né? diga-se de passagem... a gente sabe que hoje infelizmente... o mercado farmacêutico... ele ainda é um mercado que... é caro né? pra maioria das pessoas... muitas pessoas que precisam fazer o tratamento e não têm acesso éh:: a medicamentos ou que os medicamentos não fazem parte por exemplo da cesta de fe/ de medicamentos que é oferecido... né? pelo poder público... acabam tendo que dispendir um valor muito alto... pra fazer determinados tratamentos... MAS... né? hoje o mercado brasileiro... ele... o mercado farmacêutico brasileiro já oferece algumas opções... que ainda são vistas de forma éh:: desconfiada por algumas pessoas né? como o mercado de medicamentos genéricos né? existe o mercado similar... até essa semana por coincidência P eu tava falando sobre isso... aliás semana passada né? sobre a diferença entre genérico e similar... existe uma diferença né?... básica que fique claro e a gente vai também reforçar isso aqui... MAS é uma grande opção pras pessoas que querem obviamente se houver o medicamento genérico pra o que ela tá utilizando pra que as pessoas possam economizar né? e a vigilância sanitária garante que o genérico é igual... ao medicamento de referência... há essa preocupação da vigilância sanitária para garantir que esse medicamento genérico ele chegue com a mesma qualidade pra o chamado/ ou do chamado medicamento de marca não é? ou aquele medicamento que tem o nome fantasia já muito conhecido e consagrado aí pela população... P inicialmente bom dia... brigado pela sua

<sup>4</sup> Cada intervenção de caracteres informativo e referencial evidentes, por meio da qual ambos os interactantes contribuem igualmente para o andamento da conversação.

participação aqui no DM... a vigilância sanitária tá atenta pra que a população que confia principalmente não é? e economiza na compra do éh/ do medicamento genérico realmente esteja comprando o mesmo medicamento que ela compraria caso optasse por escolher o medicamento de marca não é isso P? bom dia...

L2 bom dia... bom dia a todos os ouvintes... éh:: eu gostaria de dizer o seguinte éh existe muita falácia sobre:: medicamento de marca que é o medicamento de referência... que pode ser esse medicamento de referência pode ser o medicamento de marca e o medicamento manipulado... entendeu? eles se equiparam e:: a partir de mil novecentos e noventa e nove foi éh:: promulgado a lei que criava o medicamento genérico... e posteriormente o também chamado medicamento similar... e aí o pessoal faz assim uma certa... confusão entre um e outro medicamento... primeiro de que tudo eu gostaria de dizer ao pessoal o seguinte... o medicaMEN-TO... éh:: o pessoal confunde muitas coisas... remédio com medicamento... todo medicamento é um remédio... mas nem todo remédio é um medicamento... ou seja... se:: eu você tá com uma dor e eu le dou uma massagem... se eu faço uma massagem e passa essa dor... isso aí é remédio mas não é medicamento... certo? se eu boto uma compressa... de água fria na testa de uma pessoa para diminuir a febre e baixa essa febre éh::... isso aí é um remédio mas não é medicamento... agora todo medicamento é um remédio... então pra ser remédio éh:: geralmente o o/ ele é o o/ começou com o remédio de referência... o remédio de referência ele é aquele que foi pesquisado um princípio ativo... depois de muito tempo às vezes anos de pesquisa... esse princípio ativo ele se propõe e diz que ele vai curar... éh aliviar o sintoma éh diagnosticar ou prevenir uma doença... depois de tá tudo comprovado através de de muitos estudos... como prêmio este laboratório ele recebe uma:: chancela chamada patente... que agora é de cinco anos... então durante cinco anos... só quem pode éh:: (Exemplo 1 – Fonte: MELO JUNIOR, 2016).

A conversação assimétrica, sob a ótica conversacional, é, assim, caracterizada por um dos interactantes intervir sucessiva e significativamente, por meio de turnos nucleares em andamento (de função interacional ou que contribuem comedidamente/discretamente para o desenvolvimento do tópico), ocupando um espaço de tempo maior durante o turno, suas intervenções são de caráter referencial evidente para o desenvolvimento do tópico conversacional, enquanto o outro contribui com intervenções episódicas e/ou secundárias nos momentos interativos, a partir de turnos inseridos<sup>5</sup>.

L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição e a gente vai falar um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra inédita... né? e eu achei que o meu produtor F ele não é um leitor ele é um devorador de livros né? ele adora né? e ele disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque eu também sou um cara que gosta muito de ler... e a gente vai falar um pouquinho sobre essa obra falar um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição... rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? ter uma boa leitura ou encontrar boas obras... tem muita gente que sequer conhece o espaço né? e a gente vai poder também falar sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios

L2 obrigado... o prazer é todo meu

L1 agora aqui vo/ tem dizendo que você é estudante e escritor... você é estudante de que T?

L2 de química industrial do:: instituto federal de alagoas

L1 química industrial... né? uma matéria peSA::da... eu aliás admiro quem escolhe química física... era meu terror quando eu era mais novo... não que eu não desenrolasse... mas é que eu não gosto mesmo né? e de repente você vai né? e escreve um livro que tem tudo a ver com sensibilidade né? com com com carinho né? com um gesto de amor... como é o título do livro... essa sua outra face

<sup>5</sup> Intervenções breves que não possuem, necessariamente, valor informativo ou referencial, mas indicam que um dos interactantes está acompanhando, vigiando, fiscalizando ou seguindo seu parceiro.

né? o químico industrial também é uma pessoa que gosta de falar de amor T? (Exemplo 2 – Fonte: MELO JUNIOR, 2016).

Neste exemplo (2), L1 apresenta o tópico que abrange uma obra escrita por aluno de uma IES, a partir da leitura de obras no projeto Biblioteca Y, que incentivou a leitura de vários compêndios, por meio de uma biblioteca volante, e instigou a escrita de um romance por um aluno do ensino básico tecnológico. L1 controla a interação, e L2 limita-se a responder ao que lhe é perguntado, com turnos inseridos de caráter interacional, contribuindo apenas para desenvolver o diálogo.

Em se falando dos fatores linguísticos e extralinguísticos, as assimetrias podem ser globais e locais (MARCUSCHI, 1995; SANTOS, 1999). As primeiras são caracteristicamente bem definidas/precisas e ultrapassam os limites das trocas dialógicas na interação, correspondendo ao evento de fala em sua totalidade, podendo impor-se pelo poder social, pela autoridade preexistente, natureza do evento e atingindo, no discurso, níveis mencionados anteriormente – tópicos, eventos de fala, tipos de evento, posição social etc. As segundas são configuradas por enunciados individuais, turnos, pares adjacentes, atos de fala, além de outras relações imediatas (SANTOS, 1999).

Na conversação simétrica, a alternância de papéis configura-se de modo relativamente simétrico, pois ambos os interactantes desenvolvem o tópico discursivo, e as posições de falante e ouvinte alternam-se, por intermédio da passagem de turno ou da transferência da vez de falar. No discurso assimétrico, os papéis interacionais também se alternam, podendo ocorrer passagem de turno ou transferência da vez de falar a partir dos lugares relevantes de transição.

A passagem de turno ou a transferência da vez de falar pode ocorrer por meio de uma solicitação explícita ou implícita, a partir dos lugares relevantes de transição (LRTs), conforme estabelecem Sacks, Schegloff e Jefferson (2003). Desse modo, o ouvinte tem a capacidade de prever, por meio de perguntas diretas ou indiretas, pausas, alongamentos, hesitações, entonações ascendentes ou descendentes, marcadores conversacionais, gestos, além de outros elementos (DIONISIO, 2001), que o turno do falante corrente está concluso, ou seja, seu momento de fala terminou, e aquele ouvinte toma o turno e assume a posição de falante.

A alocação de turnos pode ser realizada não somente pelo falante corrente que seleciona o falante seguinte, indicando-lhe sua vez de falar, como é o caso da entrevista, – embora os interactantes precisem ser cuidadosos, ao identificar os LRTs, observando,

inclusive, o maior número possível de pistas (GALEMBECK, 1993), a fim de que a determinação desse ponto de possível completude não seja uma projeção errônea – como também pela autosseleção ou autoescolha.

Certos eventos comunicativos possuem regras preestabelecidas, que regulam os turnos, e um tempo predeterminado para o turno de cada interactante (SILVA, 2005). Esse mecanismo que administra a tomada de turno como um sistema localmente comandado<sup>6</sup>, de caráter contextual e não automatizado (MARCUSCHI, [1986] 2003), contribui para caracterizar interações simétricas e assimétricas conversacionais e discursivas.

A simetria e a assimetria discursivas podem ser marcadas na interação verbal quando os interactantes assumem posições distintas no processo interacional. A relação de lugares, poder, hierarquia, dominação, representada por dados contextuais – idade, sexo, estatuto, papel interacional, domínio da língua, competência, prestígio, carisma, força física, além de outros dados –, também contribui para definir as interações como simétricas e assimétricas (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Nesse sentido, aparecem as relações horizontais e verticais, as quais se constroem nas relações interpessoais entre os participantes de uma interação verbal. As primeiras remetem ao fato de aqueles poderem se mostrar relativamente próximos ou mesmo distantes na interação. Assim, as relações horizontais compõem um eixo gradual orientado para a distância, familiaridade e intimidade e desenrolam-se a partir de dados externos ou contextuais, quais sejam: os marcadores verbais, não verbais e paraverbais, os laços socioafetivos, a situação comunicativa (formal, informal, cerimonial) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

As segundas referem-se à relação de lugares, considerando as diferentes posições ocupadas por falante e ouvinte no processo conversacional, em que um deles pode exercer a posição de dominante, enquanto o outro pode exercer a função de dominado. As relações verticais são, essencialmente, dissimétricas e dependem dos relacionemas verticais (marcadores verbais, não verbais e paraverbais) para marcar a relação de hierarquia ou de poder (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Embora um discurso possa ser predominantemente assimétrico, a simetria torna-se possível, exatamente, por ser a interação um processo dinâmico que domina em um plano e é dominado em outro. Assim, também ocorre em entrevistas, considerando que as trocas realizadas entre os interactantes nas relações sociais são, moderadamente, simétricas e

---

<sup>6</sup> Quando, na troca de falantes, o ouvinte intervém sem que seu momento de fala seja solicitado ou consentido, direta ou indiretamente, chamamos essa participação não autorizada de assalto ao turno.

assimétricas, por isso “Não se deve analisar as interações, caracterizando-as aprioristicamente como simétricas ou assimétricas, pois essas interações podem apresentar aspectos de um ou de outro desses ângulos de visão” (SANTOS, 1999, p. 32).

Assim, as relações simétricas e assimétricas podem ocorrer diferentemente ao longo das conversações, havendo momentos durante os quais os turnos podem se mostrar relativamente simétricos ou assimétricos, devido à circularidade do diálogo em determinado momento. No exemplo 3 a seguir, é possível verificar a predominância da assimetria no diálogo, bem como as suas variações na disposição dos turnos. Essa assimetria conversacional é marcada pela duração do tempo de permanência no turno de L1, levando o outro, L2, a ficar numa situação de espera, intervindo, apenas, quando solicitado, com uma expressão negativa, possibilitando a continuidade do turno por L1.

L1 [...] eu eu sou um cara que eu gosto muito de tecnologia de computação de de informática de um forma geral né? smartphones tal... é praticamente impossível você fugir dessa realidade né? ela tá posta aí é uma revolução e tal... mas ela tirou um pouco principalmente com o advento dos e-books né? de outras mídias digitais... ela tirou um pouco da magia do do livro... ela tirou um pouco que eu falo do interesse das pessoas não da magia que essa essa não se perde muito... porque infelizmente hoje o número de de jovens que se debruçam sobre um livro... ele é muito pequeno né?... infelizmente ele é muito pequeno e a leitura ela é fantástica... são poucos... ahn os diretores né? e produtores que conseguem por exemplo fazer uma adaptação de um bom livro pra o cinema que seja boa né? [...] eu cito um exemplo tem um livro sensacional... [...] recentemente fui tentar assistir esse filme... você já assistiu?  
L2 não  
L1 uma desgraça cara... a adaptação... tem nada a ver com o livro... eu viajei li aquele livro em três dias e ele é um livro enorme né? é mui/ tem mais de quinhentas páginas quase seiscentas páginas... então não tem como comparar gente... o ato de você sentado... de você deitar abrir um livro e ler... cê ler Stephen King o cemitério maldito ((risos)) né? você fica com medo lendo o livro porque você fica imaginando né? e por isso que projetos tão legais como esse né? realmente ajudam muito né? [...]. (Exemplo 3 – Fonte: MELO JUNIOR, 2016).

L1 comenta a inserção da tecnologia, dos *e-books* e de outras mídias digitais e das implicações que essa interferência pode causar no ambiente/contexto de leitura. Além de ressaltar a falta de interesse dos jovens pelos livros impressos, com o advento da tecnologia computacional, L1 critica as adaptações malsucedidas de livros por diretores e produtores de cinema. Dessa forma, em explicando tudo isso, observa-se que L1 continua a dominar o uso da palavra no turno; essa permanência no turno também é requerida em função da profissão e habilidade de formação de L1, fazendo-o desempenhar um papel importante no circuito interacional.

De acordo com Santos (1999), as interações na vida diária caracterizam-se por eventos interacionais e situacionais. Estes possuem um objetivo definido e dizem respeito a situações públicas e contextos de normas convencionalizadas; aqueles não apresentam preparação e

tema previamente definidos, e os interactantes exercem papéis iguais. Nesses eventos, possivelmente, existam assimetrias que condicionam as relações de poder e formas de controle.

Na entrevista, a assimetria pode ser determinada pelo perfil interacional e caracterizada como um evento situacional quando, por um lado, ao estruturar a interação, o entrevistador dirige a atividade conversacional, conduzindo-a e suscitando a fala do entrevistado e, quando, por outro lado, cede o direito à palavra ao entrevistado para extrair-lhe as informações pretendidas, colocando-o, para tanto, em evidência.

As conversações casuais e os encontros institucionalizados (MARCUSCHI, 1991) abrangem os eventos interacionais e implicam situações de simetria, quando os interactantes intervêm igualmente nos momentos interativos, e situações de assimetria, por ocasião das relações de poder e fontes de controle, instituídas na interação, decorrentes da autoridade que uns exercem sobre os outros nos eventos comunicativos para firmarem boas relações interpessoais e atingirem flexivelmente seus propósitos no meio social.

Dessa forma, a assimetria é marcada pelos poderes social, econômico, político, cultural, intelectual, pelos grupos sociais, pelas classes de interesse, práticas institucionais e socioculturais, bem como pode ser estabelecida pelo controle dos tópicos, das formas de tratamento, das tomadas de turno, da seleção de certos atos de fala, além de outros (MARCUSCHI, 1991).

Conforme Santos (1999), as relações de poder materializam-se de modo explícito e implícito nos eventos discursivos, seja pelos papéis dos interactantes na conversação e do *status* social, seja pelos atos de linguagem que o parceiro monitorado absorve daquele que controla o momento interativo. Nesse sentido, quando se fala em controle, pode-se dizer, ainda, que, em textos orais e escritos, as relações simétricas e assimétricas realizam-se por meio da seleção dos interactantes, do tempo de permanência nos turnos, da abertura e do fecho dos eventos de fala, da elocução/produção da linguagem, das sequências injuntivas, de definições plausíveis, do ato de dar ordens, instruções, inquirir, proibir, da tomada de decisões, da natureza do evento de fala, dos operadores modais, da organização estrutural e interna do texto, entre outros fatores.

Para Marcuschi (1991) e Santos (1999), a assimetria descreve relações de poder ou desequilíbrio entre os interactantes num evento de fala, em decorrência da inserção em grupos sociais diversos, formação desigual, profissão com valor social diferenciado, direitos diferenciados, papéis desiguais no comando da interação. Analogicamente, a simetria implica

igualdade/similaridade de condições, de modo que as questões de poder não predominam nas relações interpessoais, quer pelo conhecimento, quer pela posição social; acontece (simetria) na medida em que alguns desses elementos têm a mesma equivalência para ambos os interactantes.

A simetria discursiva é percebida no seguinte exemplo (4), considerando os elementos que apontam para esse tipo de interação, quando L1 entrevista L2 que, por sua vez, também ocupa uma posição social relevante e exerce uma profissão cujo valor social é distinto, razão por que L2 – diretor de fiscalização e postura da Superintendência Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) – foi escolhido para tratar a respeito da desocupação do centro da cidade de Maceió e do redirecionamento dos vendedores ambulantes.

L1 gente olha eu tô em linha com o DF que é diretor de fiscalização e postura da Superintendência Municipal de Controle e Convívio Urbano... que está realizando desde as primeiras horas dessa manhã... uma operação que visa desocupar o centro da cidade da presença dos ambulantes... D inicialmente muito obrigado pela sua participação aqui com a gente... a gente sabe que você né? está... né? cumprindo também essa tarefa... participando... então você gentilmente nos atende aqui AO vivo... que balanço você já pode fazer pelo menos das primeiras horas dessa operação no centro de nossa capital D? bom dia. (Exemplo 4 – Fonte: MELO JUNIOR, 2016).

Essas especificidades explicam, por exemplo, a razão por que um jornalista, colaborador ou não, ou um especialista, em determinado assunto, é convidado a escrever em determinada seção do jornal, bem como alguém é convidado para proferir uma palestra ou uma conferência, por sua capacidade intelectual, sua formação acadêmica, profissional, ética e moral, pelo modo como seleciona os recursos linguísticos na fala ou na escrita, enfim, por apresentar caracteres diferenciados nas situações discursivas. É interessante pensar aqui – conforme se verá mais adiante – que, embora L1 e L2 ocupem uma posição social de prestígio, sob a perspectiva discursiva, ambos representam uma instituição e, portanto, não podem dizer o que querem, segundo sua vontade, pura e simplesmente; por haver, nesse tocante, uma assimetria discursiva, no nível institucional.

Enfim, num evento de fala, as interações são constituídas de situações interpretativas, e as relações simétricas e assimétricas relativizam-se durante o processo interacional, pois os interactantes “[...] têm vontade própria e podem a cada momento subverter a ordem das coisas com novas interpretações de suas relações” (MARCUSCHI, 1995, p.83), de forma que as interações podem apresentar aspectos de simetria ou de assimetria num mesmo evento de fala. Com base em Marcuschi (1995), Santos (1999) evidencia os seguintes elementos de interação,

a partir das dimensões simetria-assimetria e cooperação-competição: simétrico e cooperativo, simétrico e competitivo, assimétrico e cooperativo e assimétrico e competitivo.

### **As práticas sociodiscursivas na entrevista radiojornalística e as relações de poder segundo a ACD**

Em suas práticas discursivas, os sujeitos da interação se constituem, engendram as relações sociais, bem como problematizam e transgridem as ordens do discurso, criando pontos de tensão em tais relações. Mobilizam-se, portanto, a partir de suas práticas discursivas, em busca de uma mudança discursiva e social, negociando as diferenças, os pontos de tensão existentes entre sujeitos, entre grupos majoritários e minoritários. Nesse sentido, pode-se dizer que a mudança da situação social é possível, se houver o equilíbrio na conversação, pois só existe conversa se houver equilíbrio na relação de poder entre os interactantes (SETTE; RIBEIRO, 1984).

Nesse panorama, salienta-se o fato de eles produzirem e reproduzirem discursos, referenciando, previamente, os objetos pré-construídos – o que poderá ser observado adiante nas formas textuais utilizadas por L1 e L2, entrevistador e entrevistado, respectivamente – e a significação criativa e constitutiva (FAIRCLOUGH, 2016).

Ademais, elucida-se a noção de discurso, apresentada e orientada numa visão tridimensional por Fairclough (2016), e compactua-se com a ideia de que “[...] produzir o discurso faz parte de processos mais amplos de produção da vida social, das relações sociais e das identidades sociais [...]” (FAIRCLOUGH, 2016, p.42), bem como se elencam contribuições teóricas acerca da noção de discurso numa perspectiva foucaultiana, incorporadas à análise de discurso textualmente orientada e reconfiguradas por Fairclough (2016), em seus apontamentos sobre a teoria social do discurso.

Nesse tocante, o discurso constitui e constrói ativamente a sociedade em múltiplas dimensões, sejam objetos de conhecimento, sujeitos sociais, formas sociais do “eu”, sejam relações sociais e estruturais conceituais, e as práticas discursivas se interdependem ou se inter-relacionam socialmente (FAIRCLOUGH, 2016). Isso permite considerar que o discurso, como constitutivo dos sujeitos e dos objetos da vida social, “[...] tem uma relação ativa com a realidade, que a linguagem significa a realidade no sentido da construção de significados para ela [...]” (FAIRCLOUGH, 2016, p.68).

Ao propor a noção de discurso, Fairclough (2016) leva a refletir sobre o fato de que o discurso, como forma de prática social, implica naturalmente a existência de relações de

poder, assim como as distintas condições socioeconômicas, culturais e hierarquização dos lugares sociais ocupados pelos sujeitos. Assim, as propriedades de uso da linguagem, as relações sociais entre as classes e os grupos sociais, as práticas institucionais, a construção e a negociação dos lugares sociais, os modos de ação dos sujeitos sobre outros e o mundo suscitam as relações de poder e mostram que as práticas sociais e discursivas são afetadas por essas relações.

Reitera-se o modo como Fairclough (2016) concebe discurso, não como sendo meramente reflexo das práticas sociais, mas como forma de prática social, modo de ação e de representação dos sujeitos. Além disso, concorda-se que a estrutura social molda e restringe o discurso, mas também o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social: nas relações de classe, em quaisquer relações sociais, nas normas e convenções institucionalizadas, nas relações específicas em instituições particulares, marcados por aspectos de natureza discursiva e não discursiva (FAIRCLOUGH, 2016).

A hierarquização dos lugares sociais e as relações de poder evidenciadas nas práticas discursivas dos sujeitos acarretam o que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de relações verticais, e estas contribuem significativamente para constituir, construir e reproduzir o discurso na entrevista radiojornalística em foco. A entrevista radiojornalística forja-se enquanto evento discursivo específico que “[...] varia em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados” (FAIRCLOUGH, 2016, p.95). É importante pensar como as relações de poder se impõem nas práticas discursivas, mas, ao mesmo tempo, confundem-se na medida em que os sujeitos do discurso representam instituições e lugares sociais específicos.

O circuito traçado nas relações de poder, as quais hierarquizam esses lugares e as práticas sociais, implica a relação dialética entre discurso e estrutura social, sendo a estrutura social condição e efeito das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2016). Nessa perspectiva, é possível falar, tanto na visão foucaultiana quanto faircloughiana, que as estruturas sociais marcam o discurso, determinam-no e produzem-no, envolvendo as condições sociais de produção e de interpretação desse discurso, relacionadas com os níveis de organização social, da situação, da instituição e da sociedade (SANTOS, 1999).

Conforme assevera Fairclough (2016), a prática social segue várias orientações, e o discurso também aparece como prática política, ideológica, econômica e cultural, estabelecendo, mantendo e transformando as relações de poder e as entidades coletivas, mas

também constituindo, naturalizando, mantendo e transformando os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Colocam-se, também, os sujeitos que compõem o evento discursivo entrevista, que fazem o gênero discursivo entrevista acontecer. Esses sujeitos são marcados pelas estruturas sociais, pelas entidades coletivas, pelas determinações sociais e institucionais, tanto quanto as práticas discursivas dos entrevistados. Todavia, aqui, observa-se a flexibilização dessas práticas discursivas, por ser o discurso marco de luta de poder, permitindo dizer que tais práticas se constroem e se constituem de maneira convencional e criativa, reproduzindo posições sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença, representações ideológicas inscritas no discurso de L1 e L2.

A partir de tais pontuações, concorda-se com Santos (1999), quando a autora ressalta que as ordens do discurso (convenções) regem o discurso e provêm de órgãos institucionalmente marcados pela sociedade, ou seja, as práticas discursivas e sociais se enraízam nas estruturas sociais, mas são ressignificadas, transformadas na linguagem. Recupera-se ainda a assertiva de Fairclough (2016, p.91), ao dizer: “O discurso inclui referência a objetos pré-construídos, tanto quanto a significação criativa e constitutiva dos objetos”, para salientar que, ao transpor tal afirmação para as condições sociais e reais em que o discurso é produzido, verifica-se como as relações de poder se instituem, os embates ideológicos acontecem e as práticas discursivas constitutivas e (re)construídas, tendo em vista que práticas sociais constituem discursivamente a sociedade, por haver discursos estabilizados, práticas discursivas convencionais, objetos pré-construídos, por um lado, e práticas discursivas que não interagem com a realidade social e convencionalmente posta, por outro.

Essas práticas sociodiscursivas se estabelecem nas estruturas sociais, pois, para a realização bem-sucedida de uma entrevista, em sua modalidade oral, no rádio e na televisão, o jornalista (entrevistador) precisa seguir, se bem orientado profissional e tecnicamente, alguns princípios norteadores para a condução dos seus questionamentos. Esses procedimentos/princípios que norteiam o trabalho de um entrevistador são de ordem estrutural – que dizem respeito a um conjunto de ações que organizam e estruturam qualquer entrevista e de ordem ética – que se relacionam ao comportamento e às atitudes do entrevistador.

Relacionando ao discurso radiojornalístico, salienta-se que tanto o entrevistador quanto o entrevistado (interactantes 1 e 2) não podem dizer o que querem, segundo sua vontade ou de outrem, já que terão de observar as regras ditadas pela instituição e pela

sociedade, seguindo-as e obedecendo-as, consoante as ordens do discurso (FAIRCLOUGH, 2016; SANTOS, 1999). Os procedimentos éticos e estruturais que entrevistador e entrevistado utilizam na realização da entrevista provam que os referidos sujeitos devem seguir normas institucionalizadas e convencionalizadas que representam as determinações/marcas sociais do discurso midiático, de outras estruturas sociais e das instituições a que ambos pertencem.

Quando ambos os sujeitos não dialogam ou comungam com essa realidade, o princípio da negociação de opiniões, de ideologias e de identidades sociais é rompido, do mesmo modo que o princípio de cooperação também o é, acarretando a exclusão/rejeição do entrevistador e/ou do entrevistado no corpo social das entidades a que eles pertencem; no caso do entrevistador, da emissora radiojornalística, o que pode ocorrer em emissoras de TV que seguem posicionamentos ideológicos e, no momento durante o qual os sujeitos que a representam, utilizam discursos que fogem às marcas sociais por ela imposta, a própria instituição põe em cena as relações de controle e dominação possíveis em virtude do lugar social e das relações verticais (de poder) existentes. Em quaisquer instituições ou empresas de natureza diversa, essas relações se operacionalizam, em tudo isso, a força de poder se instaura.

Assim sendo, o discurso também abrange a referência a objetos ressignificados, criados e constituídos, havendo a luta de classes e de grupos sociais, por não aceitarem discursos estabilizados, objetos pré-construídos e convencionais, a exemplo das práticas discursivas da classe trabalhadora, quando reivindicam direitos e melhorias das condições salariais e trabalhistas. Ressalta-se que esse discurso socialmente constitutivo permeia as práticas discursivas de entrevistador e entrevistado no fragmento a ser brevemente analisado.

Fairclough (2016) afirma que o discurso não apenas representa o mundo, mas ainda significa, constitui e constrói o mundo em significado, contribuindo para estabelecer e construir as relações sociais. Ademais, as práticas discursivas e sociais representam e reproduzem os modos como os lugares sociais dos sujeitos se estabelecem no discurso e no meio social. As relações verticais e horizontais deslocam-se, devido à multiplicidade dos sistemas de significação e representação cultural, a mudanças estruturais e institucionais (sociais). No fragmento da entrevista selecionada, as escolhas lexicais, gramaticais e as formas textuais colaboram para a representação dos lugares sociais do entrevistador e do entrevistado, as quais são constitutivas social e institucionalmente. Para observar tais lugares, tomamos por base o discurso enquanto texto, prática discursiva e prática social, numa abordagem tridimensional.

O discurso estabilizado que trata as relações de poder entre entrevistador e entrevistado deve ser revisitado no sentido de que essas relações não dizem respeito apenas às representações sociais de ambos nas práticas discursivas e sociais, mas se referem ainda às relações que marcam as identidades e as práticas discursivas de entrevistador e entrevistado perante as instituições que representam. Entrevistador e entrevistado, enquanto sujeitos sociais, representam um discurso institucionalizado, seguindo, portanto, normas institucionalizadas materialmente postas nos procedimentos éticos e estruturais que constituem o gênero discursivo entrevista, bem como nas formas textuais usadas por ambos no referido evento discursivo, caracterizando uma assimetria discursiva.

O presente estudo estabelece um diálogo entre a Análise da Conversação e a Análise Crítica do Discurso, o que possibilita refletir acerca do percurso evolutivo da AC, que seguia uma linha estrutural, mas ampliou o arcabouço teórico com análises interpretativas. Por isso, com toda ênfase e valor que a AC possui, estes estudos estão associados às práticas sociodiscursivas (MARCUSCHI, 1991, 1995; SANTOS, 1999), por fornecerem explicações e posicionamentos sólidos acerca dos processos discursivos e de interpretação, ampliando as discussões teóricas, em consonância com a ACD.

Tal relação com as práticas sociodiscursivas justifica-se também por os Estudos Conversacionais considerarem que as propriedades/regras gerais para a tomada de turno (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003) trouxeram importantes contribuições ao estudo da natureza das estruturas no diálogo, permitindo que estudos posteriores observassem a conversação para uma orientação social do discurso em consonância com especificidades do texto falado. Seguem algumas pontuações acerca de um trecho de discurso jornalístico, à luz da teoria social do discurso, o qual se intitulou evento interativo.

### **Pontuações metodológicas e análise do evento interativo**

Conforme Flick (2009), os procedimentos metodológicos da Análise da Conversação compreendem a realização de gravações de interações naturais, a transcrição e organização dos eventos conversacionais, análise das interações e discussão dos mecanismos linguísticos que regem as conversações. Nesse sentido, é possível investigar por meio de análises de conversações como os interactantes iniciam e encerram os eventos de fala e quais as práticas linguísticas que organizam as interações.

No que se refere aos preceitos metodológicos para estudos analíticos de conversação, outro aspecto fundamental à interpretação dos dados verbais é o procedimento estritamente sequencial da fala, o qual ocorre por intermédio do revezamento das falas e dos pares adjacentes. Além disso, a compreensão da sequência das falas e a análise das conversações baseiam-se no contexto e na produção do significado e das práticas interacionais.

Considerando que a conversação é vista como uma atividade fundamentalmente linguística, de interação social, com estrutura e unidades próprias e independentes, Cestero Mancera (1994, 2000), em seu estudo sobre o intercâmbio (troca) de turnos de fala na conversação em língua espanhola, apresenta princípios metodológicos que subjazem os estudos em Análise da Conversação e que contribuem para investigar qualquer interação social, como: 1) gravação das conversações naturais; 2) transcrição minuciosa dos dados; e 3) descrição detalhada/análise dos dados, a partir das transcrições, observando a estrutura formal da conversação e analisando os elementos constituintes e caracterizadores das alternâncias de turnos de fala; 4) apresentação dos resultados.

O primeiro passo efetiva-se a partir da gravação das conversações naturais, que ocorrem em diferentes situações comunicativas, ou seja, em contextos distintos. As gravações permitem que os dados verbais sejam ouvidos e transcritos minuciosamente e que o pesquisador observe continuamente a interação, voltando a segmentos do evento interativo para desenvolver as análises, a exemplo da entrevista oral.

O segundo passo refere-se à transcrição do material coletado de maneira pontual e criteriosa, constituindo um procedimento fundamental à pesquisa, por tornar possível a escuta repetida das gravações e, conseqüentemente, por facilitar a identificação dos fenômenos linguísticos que regem o objeto teórico. Após a gravação e transcrição das entrevistas orais, o terceiro passo consiste na análise descritivo-interpretativa dos dados, de forma detalhada, a partir das conversações transcritas.

O quarto passo refere-se à apresentação dos resultados, por intermédio das análises realizadas pelo analista da conversação, com base nos aspectos teóricos e práticos, apresentando as conclusões pertinentes, o que é possível devido à AC estudar regularidades e mecanismos das conversações e analisar ações e estratégias interativas utilizadas pelos interactantes para realizar seus propósitos comunicativos e estabelecer as relações sociais. A coleta dos dados, a transcrição minuciosa das entrevistas orais, bem como a análise e a apresentação dos resultados (CESTERO MANCERA, 2000) constituíram passos importantes

na constituição e interpretação dos sentidos do evento interativo a seguir e dos exemplos utilizados ao longo deste estudo.

Para analisar o discurso segundo os pressupostos teóricos de Fairclough (2016), selecionou-se um trecho do discurso de uma entrevista radiojornalística. Por meio do fragmento selecionado, é possível captar que a entrevista fala sobre uma operação que tem por finalidade desocupar o centro da cidade de Maceió da presença dos ambulantes e redirecionar os vendedores ambulantes que se instalaram em determinados espaços proibidos, segundo convenções específicas.

L1 gente olha eu tô em linha com o DF que é diretor de fiscalização e postura da Superintendência Municipal de Controle e Convívio Urbano... que está realizando desde as primeiras horas dessa manhã... uma operação que visa desocupar o centro da cidade da presença dos ambulantes... D inicialmente muito obrigado pela sua participação aqui com a gente... a gente sabe que você né? está... né? cumprindo também essa tarefa... participando... então você gentilmente nos atende aqui AO vivo... que balanço você já pode fazer pelo menos das primeiras horas dessa operação no centro de nossa capital D? bom dia

L2 bom dia O... éh... nesse primeiro momento podemos dizer que estão que tá tendo uma boa aceitação pela comunidade pela população que tá circulando livremente pelas ruas que a gente tá mantendo essa revitalização né? e:: o camelô o ambulante em si... acredito está se conscientizando... até o presente não tivemos nenhum tipo de de de tumulto que pudesse contestar o que tá sendo feito... acredito que eles tá aos poucos tá se conscientizando porque esse trabalho... a gente não tá fazendo de surpresa... a gente já vem avisando desde antes da copa do mundo que aconteceu aqui no brasil... então a gente vem conscientizando eles... ontem a gente divulgou na mídia... a gente divulgou através/ entre eles uma panfletagem informando da necessidade da desocupação dessas ruas... então até o presente posso dizer que as/ que a coisa está evoluindo tranquilamente

[...]

L1 eles estão sendo relocados pra algum lugar ou não? isso aí não seria competência da SMCCU?

L2 não... a gente num tem/ não seria competência nossa... e sim da secretaria de abastecimento e trabalho mas... muitos deles a gente tem conhecimento que tem suas suas/ seus boxes de de atividades que exercem dentro do shopping popular e a mesma aqui no no/ ao lado onde tem um estacionamento que... no passado já foi adquirido já foi a/ desti/ destinado a esse fim... que fica ao lado aqui da praça dos palmares também no centro...

L1 pois é... D eu queria agradecer a sua participação né? torcer pra que seja... é bom dizer... eu fiz essa colocação até ontem... eu trabalho também na rádio X né? quando a gente também divulgou o exemplo daqui... e a gente fazia uma colocação... obviamente né? não é uma perseguição deliberada a um ambulante... é uma questão legal não é? até de preservação primeiro né? do bem-estar das pessoas que circulam no centro da cidade... e uma questão de justiça com relação aos comerciantes do centro da cidade né? que pagam seus impostos... que contratam de forma lícita seus funcionários e que muitas vezes são prejudicados... a gente sabe que o ambulante ele tá ali pra sobreviver... né? ele tá querendo trabalhar... tá querendo ganhar o pão de cada dia... mas... justiça seja feita... eu posso até ser incompreendido né? com o que eu vou colocar... a prefeitura ela tá dando possibilidades... ela não tá impedindo ninguém de trabalhar... só tá regulamentando uma situação que há muito tempo... é uma situação que tá fora de controle... existem espaços para que o ambulante possa trabalhar... só não pode ser no centro né? pra que fique claro que não é uma ação de perseguição aos ambulantes... pelo menos eu enquanto comunicador D... não consigo vislumbrar isso... eu vejo como uma ação de regulamentar o trans/ o o o/ o trânsito de pessoas no centro da cidade... e que as coisas possam fluir de forma diferente e não como uma perseguição da prefeitura aos ambulantes... que tudo ocorra bem é o que a gente espera né D?

L2 com certeza O... e de fato o que você falou eu confirmo... não existe perseguição... a gente não está aqui pra apreender pra tomar atitude contra nenhuma pessoa nenhum ambulante

especificamente... a gente tá aqui pra reordenar essa estrutura do centro de Maceió... é um reordenamento... cabendo a eles voltar ao shopping popular... pra o estacionamento que já existe... é ocupar outras áreas que não seja e/ nesse momento essa aqui... até que se defina a situação... que volte as suas atividades normais porque muitos deles inclusive tá vindo de outros estados pra cá... do interior da capi/ do estado... pra exercer essas atividades... mas sabe que estão vindo pra um terreno que não é permitido... okay O?  
[...] (Fonte: MELO JUNIOR, 2016)

O primeiro ponto sobre o qual se pode centrar diz respeito ao fato de os discursos produzidos por L1 e L2 serem marcados pela estrutura social, dentro de um quadro institucional ou de um domínio social particular, evidenciadas pelas normas e convenções que guiam o evento discursivo de que ambos participam. No momento inicial de seu turno, L1 já aponta de que ordem de discurso L2 falará, representando uma instituição especificamente, a Superintendência Municipal de Controle e Convívio Urbano. Porém, o discurso utilizado por L1, nesse momento, também evidencia os efeitos construtivos do discurso, em seus três aspectos, já que: o discurso de L1 constrói e representa seu papel social na interação e seu lugar social no evento discursivo entrevista, ou seja, ele é o entrevistador, marcando esse lugar, quando diz “eu tô na linha”, “eu queria agradecer”, “eu trabalho na rádio x”.

Além disso, L1 elucida suas posições de sujeito, para atingir o público-espectador, em vários trechos do seu discurso, nos seus vários turnos de fala, conforme se vê a seguir: “eu fiz essa colocação até ontem”, “eu posso até ser incompreendido né? com o que eu vou colocar”, “pelo menos eu enquanto comunicador D... não consigo vislumbrar isso...” “eu vejo como uma ação de regulamentar...”. Pode-se observar em tais formas textuais utilizadas por L1 que o discurso do entrevistador é socialmente constitutivo, contribui para construir as relações sociais – na interação com o público-espectador, por ocasião de L1 evocá-lo, por meio da forma de tratamento ou do vocativo “gente”, a fim de engajar tais sujeitos no circuito interacional e persuadir a população de que a tarefa de desocupar para revitalizar a beneficiará – e os sistemas de conhecimento e de crença, ao utilizar as marcas linguísticas de 1ª pessoa do singular.

Por outro lado, mostrando um interesse comum ao discurso de L2, L1 também faz em seu discurso, escolhas lexicais e gramaticais que denotam sua representação institucional, um discurso institucionalizado, o que possibilita moldar e restringir o discurso de L1, em virtude das normas e convenções, das relações de poder no quadro social e institucional. Essas escolhas materializam-se em “a gente sabe”, “você gentilmente nos atende”, “a gente também divulgou”, “a gente fazia uma colocação”, “a gente sabe que o ambulante ele tá ali pra sobreviver”, “que tudo corra bem é o que a gente espera né D?”.

Analisando o discurso de L2, do ponto de vista do texto, da prática discursiva e da prática social, é possível observar que as escolhas lexicais e gramaticais de L2 também são motivadas por um discurso enquanto prática social, o qual circula nas práticas institucionais de uma repartição pública, tendo em vista as relações de poder, controle, dominação e hierarquia. Isso significa dizer que as práticas discursivas de L2 levam em conta fatores sociais, por ser um discurso produzido num contexto social específico, isto é, representa um discurso estatal que dialoga com outro discurso institucionalmente particular.

L2 delimita seu lugar social de diretor de fiscalização e postura da SMCCU (1ª pessoa do singular) e sua posição de sujeito socialmente constitutivo e construído, quando se utiliza das seguintes escolhas gramaticais: “podemos dizer”, “a gente tá mantendo essa revitalização”, “o camelô o ambulante acredito está se conscientizando” – aponta-se, aqui, para o fato das oscilações lexicais/vocabulares dos termos *camelô* e *ambulante*, da identidade descentrada ou fragmentada do sujeito que pode ser camelô ou ambulante, diferentemente de comerciante que detém outro significado no mundo –, “não tivemos nenhum tipo de tumulto”, “acredito que eles”, “a gente não tá fazendo de surpresa... a gente tá avisando”, “a gente vem conscientizando”, “a gente divulgou”, “posso dizer”, “a gente num tem/ não seria competência nossa”, “a gente tem conhecimento”, “eu confirmo”, “a gente não está aqui pra apreender”, “a gente tá aqui pra reordenar”. Assim como o discurso de L1, o de L2 não somente sugere seus lugares sociais e posições de sujeito, como também utiliza uma argumentação pautada em estratégia de conscientização e concordância, com o intuito de atingir a população, uma vez que os cidadãos também serão beneficiados, não apenas os comerciantes.

Portanto, convém ressaltar que tanto o discurso de L1 quanto o de L2 se inscrevem no âmbito institucional e defendem posicionamentos comuns, por pertencerem à mesma ordem do discurso, compactuando com o fato de a operação de desocupação para revitalização, segundo fora dito, ser uma questão juridicamente legal, de preservação do bem-estar das pessoas que circulam no centro da cidade, de justiça com relação aos comerciantes que pagam os impostos, contratam seus funcionários licitamente, ser uma ação de regulamentação do trânsito de pessoas no centro da cidade e não como uma ação de perseguição aos ambulantes.

Logo, isso permite afirmar que o discurso institucional evidenciado anteriormente implica um discurso como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas no mundo, no qual determinadas práticas discursivas só são autorizadas, desde que obedeçam a regras do

contrato social, sejam práticas sociais fundadas, dentro das relações institucionais, de um domínio social particular e de normas convencionalizadas.

### **Considerações finais**

Nas atividades interacionais entre dois ou mais parceiros comunicativos, a alternância de turnos e papéis, bem como as posições assumidas por tais interactantes contribuem para forjar a simetria ou a assimetria. Essas categorias são imprescindíveis ao funcionamento do discurso falado e asseguram a produção de sentidos na interação verbal.

Do ponto de vista conversacional, as relações simétricas ou assimétricas são parcialmente caracterizadas por haver fatores externos à linguagem – classe social, categoria socioprofissional, grau de instrução, sexo, idade etc. –, definíveis por papéis ou padrões sociais (SETTE; RIBEIRO, 1984). Isso porque atribuir a um diálogo o conceito de simétrico ou assimétrico ultrapassa a ideia de se considerar o tamanho, a disposição ou o tipo de turno discursivo, conforme o faz Galembeck (1993), ao dizer que a simetria consiste numa sequência de turnos nucleares justapostos, e a assimetria, num turno nuclear em andamento entrecortado por turnos inseridos, com o que se concorda, entretanto levando em conta a ótica conversacional.

Nesse tocante, com base nas discussões teóricas feitas por Santos (1999), quando a autora aborda os conceitos de assimetria global e local, além de relações de poder explícitas e implícitas, defendeu-se, neste estudo, o posicionamento de que a simetria e a assimetria podem ser textuais ou contextuais, já que podem ser motivadas por condições internas ou externas aos interactantes e à linguagem, o que possibilita dizer que, dentro de uma sociedade definida, as trocas interacionais refletem diferenças e semelhanças sociais dos interactantes (SETTE; RIBEIRO, 1984), estabelecidas pelas ordens do discurso ou pelas práticas sociodiscursivas, tendo em vista que a simetria e assimetria das interações linguísticas envolvem as relações de poder relativizadas por fatores linguísticos ou extralinguísticos.

Não se trata, aqui, de contemplar apenas os elementos linguísticos como tomadas de turno, tipos de pergunta, escolha do tópico, expressões linguísticas típicas do evento de fala ou do diálogo, marcadores verbais, mas de considerar os elementos linguísticos e os contextuais na interação verbal. Em adição a isso, os múltiplos olhares da AC e da ACD permitem analisar as relações assimétricas e simétricas não somente por intermédio da relação entrevistador-entrevistado, como também da relação entrevistador-entrevistado-instituição.

Por fim, convém reforçar que o discurso radiojornalístico, como forma de prática social (FAIRCLOUGH, 2016), e as práticas sociodiscursivas induzem naturalmente a existência de relações de poder (SANTOS, 1999), assim como as distintas condições socioeconômicas, culturais e hierarquização dos lugares sociais ocupados por entrevistador e entrevistado, visto que as convenções do discurso regem o discurso e se originam de órgãos institucionalmente marcados pela sociedade, ou seja, as práticas sociodiscursivas se arraigam nas estruturas sociais, se ressignificam e se transformam na linguagem, o que se verifica nos procedimentos éticos e estruturais aplicados ao discurso jornalístico.

### Referências

CESTERO MANCERA, Ana María. Intercambio de turnos de habla en la conversación en lengua española. *Revista Española de Lingüística*, 24, 1, p. 77-99, 1994.

\_\_\_\_\_. *El intercambio de habla en la conversación: análisis sociolingüístico*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

FAIRCLOUGH, Normand. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O Turno conversacional. In: PRETI, Dino. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993.

\_\_\_\_\_. Simetria e assimetria em textos conversacionais. In: MAGALHÃES, I. (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Editora UnB, 1996.

\_\_\_\_\_. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, Dino (Org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho, a partir dos originais em francês “La conversation”. São Paulo: Parábola, [1996] 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Manifestações de poder em formas assimétricas de interação. *Investigações*, Recife-Pernambuco, v. 1, 1991. Disponível em:

<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1494/1167>. Acesso em 23 mar. 2020

\_\_\_\_\_. Assimetria, poder e adequação na interação verbal. *Investigações*, Recife-Pernambuco, v. 5, 1995. Disponível em:

<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1515/1181>. Acesso em: 23 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. *Análise da Conversação*. 5. Ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Ática, [1986] 2003.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de. *Aspectos textuais e conversacionais na entrevista oral no radiojornalismo alagoano*. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emmanuel; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas – Ver. Est. Ling. Juiz de Fora*, v. 7, n. 1 e n. 2, p.9-73, jan./dez., [1974] 2003.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *Professor-Aluno: as Relações de Poder*. Curitiba: HD Livros, 1999.

SETTE, Neide M. Durães; RIBEIRO, M. Sophie Guieu C. T. Interação face-a-face: simetria/assimetria. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n.7, p.87-105, 1984.

SILVA, Luiz Antônio da. Conversação: Modelos de análise. In: SILVA, Luiz Antônio da (org.). *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

## ASYMMETRY AND SYMMETRY IN THE ORAL RADIO JORNALISTIC INTERVIEW

**ABSTRACT:** This work focuses on the analysis of asymmetrical and symmetrical relationships in the radio interview in Alagoas, considering the dynamic and collaborative character of the spoken text. The methodology is qualitative (FLICK, 2009), privileging information processing, data description, emphasis on quality, proceeding with descriptive-interpretative analyzes. The methodological principles of Cestero Mancera (1994, 2000) also contribute to investigate the interview as a form of social interaction: 1) data collection; 2) meticulous transcription of the recordings; 3) analysis of transcripts; 4) presentation of results. The corpus of the study consists of oral interviews, from a local radio journalism station, from which fragments were removed for analysis. It was based on the theoretical framework of Conversation Analysis and Critical Discourse Analysis, supported by Galembeck (1993), Kerbrat-Orecchioni (2006), Marcuschi (1991, 1995), Melo Junior (2016), Santos (1999), Fairclough (2016), in addition to others. The results point out elements that provide types of asymmetry and symmetry in the journalistic discourse.

**Keywords:** Conversation Analysis. Critical Discourse Analysis. Oral interview. Asymmetric and symmetrical conversation. Radio journalism in Alagoas.

**Envio: junho/2020**

**Aceito para publicação: setembro/2020**